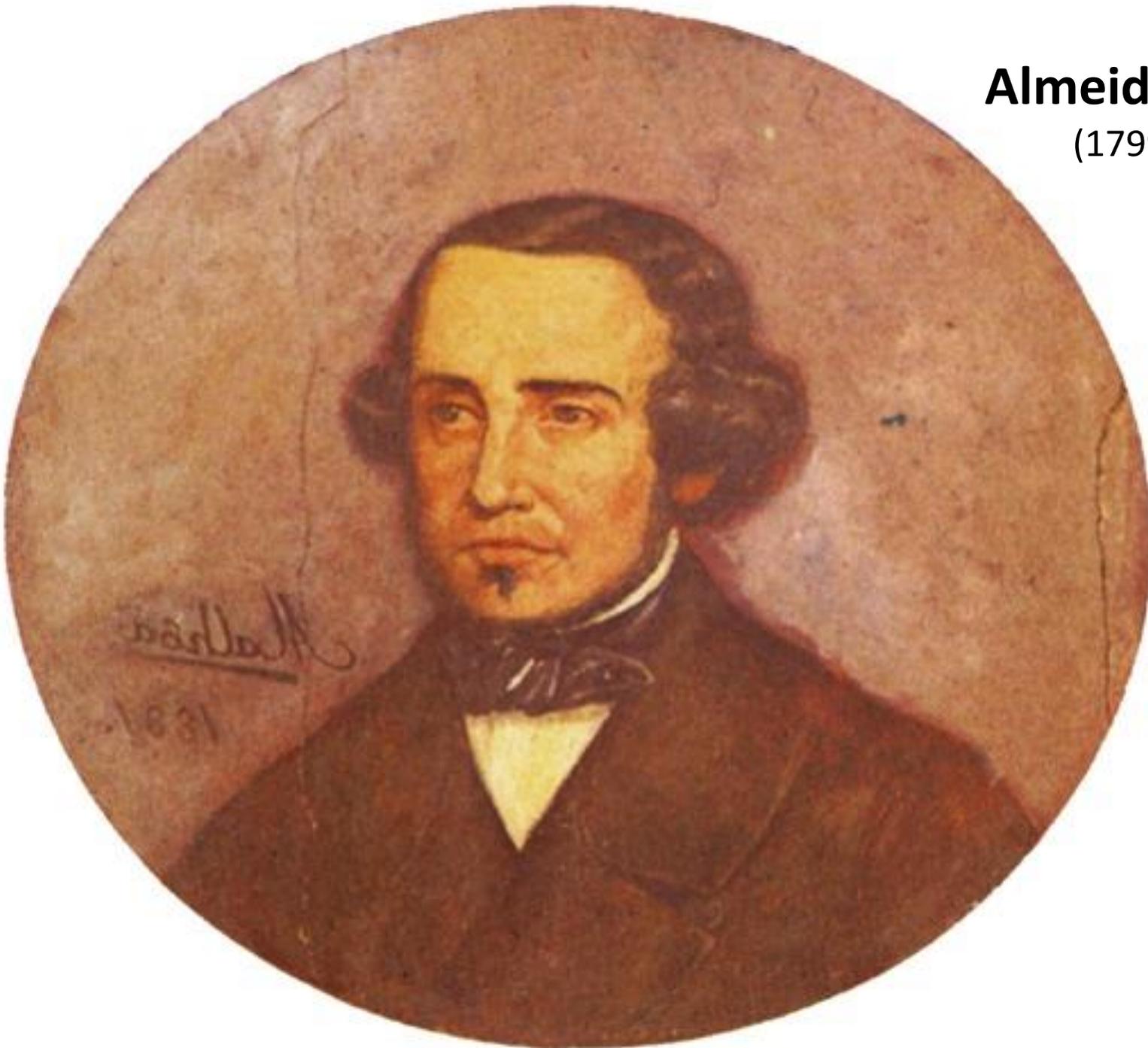


Viagens na Minha Terra

Almeida Garrett

Almeida Garrett
(1799-1854)



Obras principais

Poesia: *Camões* (1825): marco do romantismo português

Flores sem Fruto (1845)

Folhas Caídas (1853)

Teatro: *Um Auto de Gil Vicente* (1842)

Frei Luís de Sousa (1843)

Prosa: *Viagens na Minha Terra* (1846)

572313
VIAGENS

NA MINHA TERRA

POR J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

.I



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS TRIBUNAIS.

1846.

Frontispício da 1ª ed. em livro:
Lisboa, Typographia da Gazeta dos
Tribunais, 1846

VIAGENS NA MINHA TERRA: obra multiforme (híbrida)

Mistura de gêneros: romance; novela sentimental; crônica; narrativa fantástica (sátira menipeia); epístola; drama; reportagem; descrição turística; registro de folclore; comentário político; crítica sobre arte e história

Mistura de estilos: registro culto; registro coloquial

Mistura linguística: léxico castiço; arcaísmos; neologismos; barbarismos (galicismos; anglicismos)

VIAGENS NA MINHA TERRA: obra multiforme (híbrida)

Mistura de modos de elocução: descrição turística; narrativa; diálogos e monólogos; digressão (comentário e argumentação dissertativa)

Influências: Jonathan Swift, *As Viagens de Gulliver*, 1726

Lawrence Sterne, *Uma Viagem Sentimental pela França e Itália*, 1787

Xavier de Maistre, *Viagem ao Redor de meu Quarto*, 1795

VIAGENS NA MINHA TERRA: estrutura narrativa

Digressões: Capítulos 1 a 9; 13; 26 a 31; 36 a 42

Narrativa: História de Joanhina: capítulos 10 a 12; 14 a 25;
32 a 35

**Confluência das
digressões com a narrativa:** Capítulos 43 a 49 [44 a 48:
carta de Carlos]

EXCERTOS

CAPÍTULO 1

De como o autor deste erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu imortalizar-se escrevendo estas suas viagens. Parte para Santarém. Chega ao terreiro do Paço, embarca no vapor de Vila Nova; e o que aí lhe sucede. A Dedução Cronológica e a Baixa de Lisboa. Lorde Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os ilhавos e os Bordas-d'Água: os da calça larga levam a melhor.

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de inverno, em Turim, que é quase tão frio como S. Petersburgo — entende-se. Mas com este clima, com esse ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de estio, viajo até a minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crônica.

[...]

CAPÍTULO 2

Declaram-se típicas, simbólicas e míticas estas viagens. Faz o A. modestamente o seu próprio elogio. Da marcha da civilização: e mostra-se como ela é dirigida pelo cavaleiro da Mancha, D. Quixote, e por seu escudeiro Sancho Pança. — Chegada à Vila Nova da Rainha. Suplício de Tântalo. — A virtude galardão de si mesma e sofisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

Essas minhas interessantes viagens hão de ser uma obra-prima, erudita, brilhante, de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o título de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie.

[...]

Ora nesta minha viagem Tejo arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora. Tomarei cuidado de lho lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

[...]

Aí está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visíveis sinais de vida, asseadas e com ar de conforto as suas casas. É a primeira povoação que dá indício de estarmos nas férteis margens do Nilo português.

Corremos a apear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumula as três distintas funções, de hotel, de restaurante e de café da terra.

Santo Deus! que bruxa está à porta! Que antro lá dentro! Cai-me a pena da mão.

CAPÍTULO 3

[...]

Não: plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Ícaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a que hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico. [...]

CAPÍTULO 4

[...]

Mas o que terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais íntima e verdadeira relação que é possível. É que a pensar ou a sonhar nestas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja.

Aí paramos, e acordei eu.

Sou sujeito a estas distrações, a este sonhar acordado. Que lhe hei de eu fazer? Andando, falando, escrevendo, sonho e ando, sonho e falo, sonho e escrevo. [...]

A minha opinião sincera e *conscienciosa* é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar o capítulo seguinte, que é outra casta de capítulo.

CAPÍTULO 6

[...]

Quero procurar no reino as sombras de não menor pessoa que o marquês de Pombal; tenho de lhe fazer uma pergunta séria antes de chegar ao Cartaxo. E nós já vamos por entre as ricas vinhas que o circundam como uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de ouro que me abra ao pensamento as portas fatais — depressa a untuosa sopetarra com que hei de atirar às três gargantas do canzarrão. Vamos...

[...]

E ei-lo ali; lá está o bom do marquês a jogar o uíste com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Dinis. A partida deve ser interessante; talvez aposta essa gente toda — esses manes todos que estão à roda. Que cara fez o marquês a um finadinho que lhe foi meter o nariz nas cartas! Quem havia de ser! O intrometido de M. de Talleyrand. Estava-lhe caindo. Mas não viu nada: o nobre marquês sempre soube esconder o seu jogo.

CAPÍTULO 9

[...]

Benévolo e paciente leitor, o que eu tenho decerto ainda é consciência, um resto de consciência: acabemos com estas digressões e perenais divagações minhas. Bem vejo que te deixei parado à minha espera no meio da ponte da Asseca. Perdoa-me por quem és, demos de espora às mulinhas, e vamos que são horas.

Cá estamos num dos mais lindos e deliciosos sítios da terra: o vale de Santarém, pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cinta de faias belas e de loureiros viçosos. Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do Ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam.

CAPÍTULO 16

[...]

No outro dia de manhã muito cedo, abraçado com a avó e com a priminha que se desfaziam em lágrimas, Carlos dizia o último adeus àquela querida casa, àquele amado vale em que fora criado... Nessa noite estava em Lisboa, daí a poucos dias em Inglaterra, e daí a alguns meses na ilha Terceira.

Na sexta feira depois da partida de Carlos, Frei Dinis veio ao vale e teve larga conferência com a avó.

Os três dias seguintes a velha levou fechada no seu quarto a chorar... no fim do terceiro dia estava cega.

[...]

E assim se tinham passados dois anos até a sexta-feira em que primeiro vimos juntos à porta da casa aquelas três criaturas, assim se passou até daí a oito dias que a nossa história volta a encontrá-los.

CAPÍTULO 32

[...]

Passaram dias, semanas. Carlos estava melhor, estava salvo; Georgina pôde dizer-lhe um dia:

— Carlos, meu Carlos, tu estás livre de perigo, vou restituir-te aos teus.

— Os meus!

— Os teus. Tua avó, tua prima...

— Joanelha! Oh! Joanelha...

— Tua avó, que também tem estado a morrer, mas que enfim está escapa, ignora que tu estejas aqui. Ocultamo-lo igualmente a tua prima.

— Ah!

— Sim, assentamos de lho não dizer a uma nem a outra

até que tivéssemos certeza da tua melhora. Hoje porém vais vê-las. E eu...

— Tu!

— Eu não tenho aqui mais nada que fazer.

— Georgina!

— Carlos!

— Tu já me não amas?

— Não.

Seguiu-se um silêncio torvo e abafado como o da calma que precede as grandes tempestades. O rosto de Georgina estava impassível. Carlos estorcia-se debaixo de uma compressão horrível e incapaz de se descrever.

CAPÍTULO 35

[...]

O frade disse, enfim, com uma voz apenas perceptível de tímida e de fraca:

— Carlos, meu Carlos, perdoa também... oh! perdoa à memória de tua desgraçada mãe!

O mancebo saltou convulsamente como o cadáver na pilha galvânica. Em pé, hirto, horrível, tremendo, exclamou com um brado de trovão:

— Demônio! Demônio encarnado em figura de homem, que vieste recordar-me? Dizias bem ainda agora, monstro: só às minhas mãos deves morrer. E hás de!

Lançou-se a um enorme velador de pau-santo que lhe jazia ao pé, maça terrível de Hércules, e bastante a fender crânios de ferro, quanto mais a descarnada caveira do frade! De ambas as mãos a

levava no ar; e o velho estendeu para ele a cabeça como na ânsia de morrer... Georgina fechou involuntariamente os olhos, e um grande e medonho crime ia consumir-se...

Dous gritos agudíssimos, dous gritos de desespero e de terror, daqueles que só saem da boca do homem quando suspenso entre a morte e a vida, soaram repentinamente no aposento; uma velha decrépita e meio-morta, arrastada por uma criança de pouco mais de dezesseis anos, estava diante de Carlos, e ambas cobriam com seus débeis corpos a frágil e extenuada figura da sua vítima.

— Filho, meu filho! — arrancou a velha com estertor do peito. — É teu pai, meu filho. Este homem é teu pai, Carlos.

O ponderoso velador caiu inerte das mãos do mancebo, e rolou pesado e baço pelo pavimento. Carlos caiu por terra sem sentidos.

[...]

CAPÍTULO 49

[...]

— Nem o [Carlos] conhecia se o visse agora: engordou, enriqueceu, e é barão...

— Barão!

— É barão, e vai ser deputado qualquer dia.

— Que transformação! Como se fez isso santo Deus! E Joantina? E Georgina?

— Joantina enlouqueceu e morreu. Georgina é abadessa de um convento em Inglaterra.

— Abadessa?

— Sim. Converteu-se à comunhão católica; era rica, fundou um convento em ...*shire*, e lá está servindo a Deus.

— E esta pobre senhora, a avó de Joantina?

— Aí está como a vê, morta de alma para tudo. Não vê, não ouve, não fala e não conhece ninguém. Joantina veio morrer aqui nesta fatal casa do vale; eu estava ausente, expirou nos braços dela e de Georgina. Desde

esse instante a avó caiu naquele estado. Está morta, e não espero aqui senão a dissolução do corpo para o enterrar, se eu não for primeiro; e Deus queira que não! Quem há de tomar conta dela, ter caridade com a pobre demente? Mas depois... oh! depois... espero no Senhor que se compadeça enfim de tanto sofrer e me leve para si.

— Mas Carlos?!

— Carlos é barão: no lho disse já?

— Mas por ser barão?...

— Não sabe o que é ser barão?

— Oh, se sei! Tão poucos temos nós?

— Pois barão é o sucedâneo dos...

— Dos frades... Ruim substituição!

— Vi um dos tais papéis liberais em que isso vinha: e é a única coisa que leio dessas há muitos anos. Mas fizeram-mo ler.

— E que lhe pareceu?

— Bem escrito e com verdade. Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberais não tiveram menos.

— Erramos ambos.

— Erramos e sem remédio. A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era; mas muito menos ainda pode ser o que é. O que há de ser, não sei. Deus proverá.

[...]

Mas eu sonhei com o frade, com a velha e com uma enorme constelação de barões que luziam num céu de papel, donde choviam, como farrapos de neve, numa noite polar, notas azuis, verdes, brancas, amarelas, de todas as cores e matizes possíveis. Eram milhões e milhões de milhões...

Nunca vi tanto milhão, nem ouvi falar de tanta riqueza senão nas *Mil e Uma Noites*.

[...]

Parti para Lisboa cheio de agoiros, de enguiços e de tristes pressentimentos.

[...]

Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

[...]